

Consórcios se adaptam à crise e crescem 10%

Avanço em 2018 veio mesmo depois de forte expansão de 21% no ano anterior

Fabrizio de Castro | BRASÍLIA

Em um ambiente ainda adverso ao crédito, o setor de consórcios dá sinais de maior dinamismo. Após expansão de 21% dos negócios em 2017, houve crescimento de 10% no primeiro semestre deste ano, na comparação anual, segundo a Associação Brasileira das Administradoras de Consórcios (Abac). De acordo com o setor, isso reflete mudanças para adequar os produtos à crise, com aumento de prazos, por exemplo, além da entrada de novos tipos de consórcios.

Criado na década de 1960 no Brasil como uma alternativa financeira para compra de carros, o consórcio se sofisticou nos últimos anos e expandiu suas opções. Hoje, consumidores e empresas podem participar de grupos para compra de carros, motos, imóveis, veículos pesados, serviços e eletroeletrônicos. Na prática, é possível adquirir de celulares a aviões; de cirurgias plásticas a sistemas para geração de energia solar.

O prazo médio de duração dos consórcios de motos e automóveis era de 60 meses. Depois

da crise, passou a ser de até 72 meses para motos e até 84 meses para automóveis. Segundo o presidente da Abac, Roberto Rossi, essa extensão representa uma reação ao encolhimento da renda das famílias nos últimos anos e às dificuldades das empresas. Na sua avaliação, o brasileiro ficou mais seletivo na compra de bens duráveis e serviços.

“O efeito da crise foi que as pessoas passaram a pensar mais, a buscar fazer investimentos mais seguros. É a lógica do planejamento para aquisição de um bem”, diz o diretor comercial da BB Consórcios, Paulo Ivan Rabelo. Neste ano, até agosto, a BB Consórcio vendeu cerca de R\$ 7 bilhões em cotas, com alta de 21% ante 2017.

O segmento de veículos automotores é o principal, representando perto de 65% do total dos negócios, aponta a Abac. Mas modalidades mais novas, como a de consórcio de serviços, têm ganhado espaço. No primeiro semestre deste ano, os negócios no segmento somaram R\$ 158 milhões, alta de 61% em relação ao mesmo período de 2017.

“Estamos falando de cotas para tratamento dentário, cursos educacionais, reformas, coisas



Alternativa. Empresário Rudolf Kretsch usa o consórcio, em vez do crédito tradicional, para renovar sua frota de veículos

Invenção brasileira, consórcio nasceu com Brasília

● Produto financeiro tipicamente brasileiro, o consórcio foi criado por dois funcionários do Banco do Brasil em 1961, para atender às necessidades de famílias recém-chegadas à capital federal, marcada por longas distâncias e

para as quais não há muitas linhas de financiamento”, diz Rabelo. Só o BB fechou mais de R\$ 100 milhões em consórcios para serviços neste ano.

O setor tem hoje 153 administradoras no País, segundo o Banco Central. Há dez anos, o número chegou a ser mais que o

transporte público incipiente. “Brasília apenas começava e o carro era um artigo de luxo na nova capital”, conta o aposentado Luiz Antônio Horta, ex-funcionário do Banco do Brasil e filho de um dos criadores do consórcio, Luiz Henrique Horta. Ele conta que o pai e um amigo, João Francisco Costa Meirelles, também funcionário do BB, montaram um grupo de pessoas que contribuíam todos os meses,

dobro. De lá para cá, o mercado passou por um processo de consolidação. A entrada de grandes bancos contribuiu para isso, assim como o aperto na fiscalização das administradoras.

Diferença. Os próprios participantes lembram que o consórcio,

com um valor, para comprar um carro, com sorteios entre os membros do grupo.

Apenas um modelo de carro era entregue pelo consórcio: o Fusca, da Volkswagen. O modelo deu certo. Os criadores do consórcio chegaram a administrar 700 grupos, cada um com dezenas de participantes. Em pouco tempo, a ideia começou a ser replicada e virou um produto financeiro. / F.C.

apesar de ser usado para aquisição de bens, não substitui o crédito convencional. Isso porque há uma diferença básica: quem faz um financiamento recebe o bem imediatamente e quem faz um consórcio precisa esperar ser sorteado ou, no limite, dar um “lance” superior ao

dos demais participantes para “furar a fila”.

Para o empresário Rudolf Kretsch, o consórcio foi uma alternativa ao crédito convencional na hora de renovar a frota de veículos do seu negócio – a Sapiens Instituto de Tecnologia, uma distribuidora de material de avaliação psicológica e livros técnicos, de Londrina (PR). “Participo de consórcios para pagar devagar. Quando sai uma cota, eu renovo o veículo”, diz Kretsch, que tem 12 veículos para entregas.

A economista Isabela Tavares, da Tendências Consultoria Integrada, diz que o mercado de consórcio para empresas ainda é pequeno, porque elas têm mais acesso a outras opções de crédito. No caso dos consumidores, ele funciona como uma espécie de complemento ao crédito bancário tradicional.

Série Estadão FGV IBRE

Os Economistas das Eleições

Realização:

ESTADÃO

FGV IBRE

O Estadão e o Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas convidam para o debate com os economistas das principais campanhas à Presidência.

Venha ouvir o que pensam os responsáveis pelos programas econômicos dos candidatos ao Planalto.

Sexto encontro (18/9 - terça-feira)

Mauro Benevides

Economista da campanha de Ciro Gomes (PDT)

18 de setembro (Mauro Benevides)

bit.ly/economistas6

das 9h15 às 11h30

ACESSE E INSCREVA-SE

Auditório FGV 9 de Julho

Rua Itapeva, 432, térreo, Bela Vista, São Paulo - SP